



PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA PARA PESQUISA EM ARTE: O DESENHO DE OBSERVAÇÃO À MÃO FEITO *IN LOCO*

METHODOLOGICAL PROPOSITION FOR RESEARCH IN ART: THE OBSERVATION DRAWING BY HAND MADE IN LOCO

Luiza Simionatto Budahaziⁱ

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte (PPG-LIMIAR) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Jane Victaliⁱⁱ

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte (PPG-LIMIAR) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (POSURB-ARQ) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

RESUMO

Considerando a complexidade do modo de ser contemporâneo, pretende-se contribuir para o debate apresentando os resultados parciais da pesquisa em artes visuais com artigo que relata o percurso metodológico, que pretende investigar o fenômeno da formação de uma comunidade global em torno do desenho de observação à mão feito in loco. A investigação se pauta no caráter heterogêneo da comunidade Urban Sketchers da cidade de Campinas que é capaz de amplificar formas de ser e estar no mundo por meio das mídias digitais enquanto aprofunda a relação com o lugar por meio do desenho. Parte-se da hipótese de que a prática do desenho de observação feito in loco constitui uma ferramenta transformadora da apreensão da paisagem urbana, sendo capaz de formar indivíduos participantes de uma coletividade global com identidade própria.

Palavras-Chave: Percurso metodológico. *Urban Sketchers* de Campinas. Desenho de observação. Paisagem urbana. Mídias digitais.

ABSTRACT

Considering the complexity of the contemporary way of being, intended to contribute to the debate presenting the partial results of the research in visual arts with an article that reports the methodological path, that intends to investigate the phenomenon of the formation of a global community around the observation drawing by hand made in loco. The investigation is based on the heterogeneous nature of the Urban Sketchers community in the city of Campinas that is capable of amplifying ways of being in the world through digital media while deepening the relationship with the place through drawing. It is based on the hypothesis that the practice of observation drawing made in loco is a transforming tool for apprehending the urban



landscape, being able to form individuals participating in a global collectivity with its own identity.

KEYWORDS: Methodological path. Urban Sketchers in Campinas. Observation drawing. Urban landscape. Digital media.

Introdução

Em 2019 Joseph Maria Montaner e Marc Augé *La humanidad Planetária*, um diálogo publicado na forma de texto sobre a condição do mundo e da humanidade na atualidade. As ideias de Augé estão marcadas pelos estudos com comunidades Africanas, mas também pelos seus estudos sobre os meios de comunicação de massa, com profundas influências do teórico da comunicação Marshall McLuhan que, nos anos 1960, demonstrou como a sociedade do período esteve marcada pelas diversas formas de mídias: televisão, vídeo, imprensa, cinema, publicidade, automação, aviação e a cultura do turismo. McLuhan, além de ter antecipado os impactos da invenção da internet, foi responsável por introduzir o termo “Aldeia Global” para a reflexão sobre a sociedade que vislumbrava para o futuro.

A década de 1990 ficou marcada pelo surgimento e difusão do termo globalização enquanto se discutia sobre o crescimento de cidades globais, surgimento do capital global e de uma cultura global. Conseqüentemente, com a paulatina percepção das conseqüências contraditórias do globalismo como modo de ser hegemônico, sobretudo perante as desigualdades econômicas e efeitos sobre o meio ambiente, vimos a retomada da valorização das culturas locais e práticas tradicionais que foram concebidas como repertório a ser preservado a qualquer custo. Entretanto, abriu-se um vale profundo entre estas duas posições com difícil conciliação: ou se advogava em favor de uma, ou de outra.

No entanto, tanto Montaner como Augé concordam que, a partir da virada do milênio, a humanidade se tornou planetária e isso introduziu novos nuances para o conceito de globalização ou de mundialização. Assim, para os autores, existe uma “consciência planetária” e, conforme o diálogo, enquanto a globalização tem implícita a exploração, as desigualdades e a divisão dentro do domínio das multinacionais e da financeirização, o “planetário” implica a consciência unitária, pela “espécie humana de que somos ‘terricolas’ habitantes de um planeta em crise”. É nesse marco que ambos



discutem sobre os não-lugares e suas implicações para ir do planetário ao concreto e depois ao Bairro, como localidade onde se vive.

Augé define os não-lugares como espaços de trânsito, as vezes com densidades altas, onde as pessoas não conseguem estabelecer relações. Enquanto nos instalamos em lugares para viver, construindo um “mundo” como envoltório (nossa casa, bairro e cidade), simultaneamente nos apartamos deste como consequência dos meios de comunicação, que nos projetam para um mundo distante, apartado da vida real. Esta dimensão ampliada é a experiência das cotidianidades que nos colocam no espaço planetário. Estamos constituindo uma consciência planetária subjacente à cultura que desloca o ser no mundo para outra realidade, uma um tanto fugaz, fragmentada, pouco densa, descolada da geografia vivenciada.

Cultura visual contemporânea e o lugar como resultado da relação social

Para Montaner, em contraposição ao não-lugar, que é uma experiência individual, a noção de lugar é eminentemente social, se articula pela coletividade e tem a ver com as relações entre pessoas enquanto se estabelecem num contexto urbano: na esfera do privado, nos edifícios públicos, no trabalho e no lazer, nos eventos como festas e feiras, entre outros. Estes eventos dão forma ao modo de ser contemporâneo e formam a cultura do presente, sobretudo a que nos interessa nessa pesquisa, a cultura visual.

O termo "cultura" é bastante amplo e pode ser compreendido de diferentes maneiras por diferentes disciplinas acadêmicas. Para os teóricos da antropologia, a cultura é vista como um sistema simbólico que permite aos indivíduos interpretar e compreender o mundo ao seu redor, bem como se relacionar com os outros membros de sua comunidade. Na sociologia, a cultura é vista como um conjunto de padrões culturais que moldam as práticas e comportamentos de uma sociedade, influenciando desde as escolhas individuais até as estruturas sociais e políticas.

A palavra cultura deriva do verbo em latim "colere", que significa "cultivar" ou "cuidar" e tem sua origem associada ao cultivo na agricultura, criação ou que significa "cultivo", "agricultura", "criação" ou "cuidado". Inicialmente, surge para significar o cultivo de plantas, mas gradualmente evoluiu para incluir outras formas de cuidado e criação, como a criação de animais e o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos



humanos. Hoje em dia, a palavra "cultura" é usada para se referir ao conjunto de valores, crenças, comportamentos e práticas compartilhados por uma sociedade ou comunidade, bem como à produção artística, literária e intelectual de uma época ou lugar.

Assim, cultura visual é um campo de estudo interdisciplinar que se concentra na produção e análise da visualidade em geral e se baseia na ideia de que as imagens são uma forma de linguagem que desempenha um papel fundamental na construção e transmissão de significados culturais. Esta abrange diversas formas de imagem, incluindo pinturas, fotografias, cinema, televisão, publicidade, internet, jogos e outras mídias visuais em circulação no dia a dia das pessoas. Os estudiosos deste campo do conhecimento se ocupam não apenas com a análise estética das imagens, mas também com o papel que elas desempenham na sociedade, na política, na economia, na ciência e em outras áreas.

A teórica da arte Irit Rogoff tem contribuído significativamente para o campo dos estudos sobre a visualidade contemporânea. Professora de Estudos Visuais na Goldsmiths, Universidade sediada em Londres, fundou o programa de mestrado em Curadoria de Arte Contemporânea e Cultura Visual. Seu trabalho se concentra na interseção entre arte, política e cultura visual por meio do qual é conhecida por suas abordagens críticas e inovadoras, que questionam as relações entre o poder, a cultura e a subjetividade. Quando examina a relação entre a globalização e produção de conhecimento, argumenta que a cultura visual pode ser vista como uma forma de cartografia crítica, que nos ajuda a entender e navegar em um mundo cada vez mais complexo e interconectado. Perante as desigualdades que a globalização perversa estratifica, a arte pode criar novas formas de subjetividade e comunidade, fundamentais para a transformação social (ROGOFF, 2000; SANTOS, 2000).

Segundo Rogoff a produção na cultura visual contemporânea responde a uma série de mudanças nas condições tanto no mundo da arte e da cultura que refletem no ambiente acadêmico. Entre elas a proliferação da pesquisa baseada em práticas nos vários tipos de manifestação o que ocorre não apenas nas pesquisas de base para as atividades criativas que finalizam em produções a serem apresentadas (curadorias, práticas artísticas, performances textos, ativismo etc.), mas que a pesquisa subsidia a prática e vice-versa. Assim, tanto a pesquisa quanto a prática se tornam



estruturantes no trabalho dos curadores, dos artistas e dos pesquisadores e ocorrem simultaneamente.

A produção se torna muito mais colaborativa, permitindo participantes de diversas disciplinas, com background e origens distintas se misturarem no processo de pensar e fazer. A prática vai também sofrer mudanças e não vai ser valorizada apenas pelo acabamento do produto, mas o processo vai importar muito mais para se avaliar a qualidade do trabalho. A investigação se torna o evento principal da produção.

A prática e a investigação se expandem para englobar outras formas de expressão tais como ações políticas, economias, ativismos como modos de ser que se apresentam no cotidiano. Há uma descontinuidade entre as manifestações de um mesmo projeto que pode englobar performances, organização de eventos, textos, entre outros que buscam todos atingirem um objetivo comum, uma narrativa única que versa desde criação e organização de arquivos, circulação de ideias, inovações sociais.

A complexidade do mundo em que vivemos adentra os estudos acadêmicos e nos solicita um engajamento à altura dos fenômenos existenciais que encontramos na vida. A pesquisa em questão parte da hipótese de que a prática do desenho de observação feito *in loco* constitui uma ferramenta transformadora da apreensão da paisagem urbana. Com finalidade qualitativa, descritiva e interdisciplinar, a metodologia híbrida seguirá com a triangulação de dados entre a pesquisa bibliográfica, as entrevistas com os integrantes do USk Campinas e a autoetnografia, compondo um ir e vir entre a prática autoral (indivíduo), a comunidade de desenhistas (coletividade), a fenomenologia do lugar (Campinas) e a cibercultura (comunidade planetária).

Percurso metodológico: o desenho de observação à mão feito *in loco* pela comunidade *Urban Sketchers* de Campinas

A proposta metodológica da pesquisa intitulada “*Urban Sketchers* de Campinas: a manifestação de subjetividades a partir da expressão artística de diferentes espacialidades” está ancorada na pesquisa qualitativa, descritiva e de caráter interdisciplinar, uma vez que estabelece relações entre diferentes campos do conhecimento, dentre eles: linguagem, mídia, arte, arquitetura, urbanismo, sociologia e antropologia. A pesquisa versa sobre o desenho de observação feito *in loco*, uma



expressão artística que, apesar de estar presente na cultura ocidental desde o Renascimento, vem sendo bastante difundida na contemporaneidade, sendo assim, é possível afirmar que

é próprio da arte em geral e da arte contemporânea em particular propor ou apresentar um ponto de vista diferenciado, ou uma visão de mundo particular, através da constituição de linguagens.

A linguagem alimenta-se da subjetividade e da vivência do artista, ao mesmo tempo em que reafirma ou coloca em discussão questões oriundas da própria arte e da cultura (REY, 2022, p. 128).

Segundo Denzin e Lincoln (2006), entende-se que a pesquisa qualitativa é um campo de investigação associado aos estudos culturais e interpretativos. Em específico, a presente pesquisa se adequa a perspectiva qualitativa da fenomenologia, em que a forma de coleta de dados envolve uma variedade de materiais empíricos, de maneira a entender e interpretar o fenômeno e o significado que as pessoas atribuem a ele.

A pesquisa também se adequa a perspectiva descritiva, já que possui como principal finalidade descrever o funcionamento da comunidade *Urban Sketchers* de Campinas, a qual combina a especificidade local – encontros presenciais dos desenhistas urbanos em algum espaço público da cidade – com o alcance global da divulgação dos desenhos de observação feito *in loco* por meio das redes sociais digitais. Nesse sentido, antes de prosseguir com a abordagem metodológica da pesquisa, faz-se necessário a contextualização do movimento *Urban Sketchers*.

A comunidade global *Urban Sketchers* (USk) é uma organização sem fins lucrativos que surge em Seattle, no Estado de Washington, nos Estados Unidos, e tem como missão “elevar o valor artístico, narrativo e educativo do desenho no local, promovendo a sua prática e ligando pessoas em todo o mundo que desenharam no local onde vivem e viajam”, conforme consta no site oficial. Seu surgimento ocorre em 2007, quando Gabriel Campanarioⁱⁱⁱ cria um fórum online na plataforma digital *Flickr*, para artistas locais. No ano seguinte, surge o blog *Urban Sketchers*, em que a interação entre desenhistas urbanos é permitida apenas entre membros selecionados. Em 2009, a comunidade se torna uma organização sem fins lucrativos no Estado de Washington, contando com um site, um corpo diretivo e um conselho (URBAN SKETCHERS, 2022).



Os valores compartilhados pelos desenhistas urbanos, também chamados de sketchers, ao redor do mundo, encontram-se organizados em um manifesto:



Imagem 1: *Print Screen* do Manifesto *Urban Sketchers*, publicado no site oficial da comunidade. Tradução para o português oferecida pelo site oficial. Captura de tela disponível em: <<https://urbansketchers.org/pt/who-we-are/>>. Acesso em: 24 de ago. de 2023.

Dada a amplitude global, impulsionada pelo valor 7: “Nós compartilhamos nossos desenhos online”, desde sua criação até o ano de 2019, o movimento USk conquistou mais de 300 grupos regionais ao redor do mundo, contando com 2.500.000 visitas ao blog internacional e 60.000 membros no grupo do Facebook. Segundo dados retirados do site oficial, em setembro de 2022, o movimento está presente em 60 países e, atualmente, na rede social Instagram, o perfil oficial do *Urban Sketchers* conta com 284.000 seguidores (URBAN SKETCHERS, 2022).

32º
Encontro
Nacional
da *anpap*.

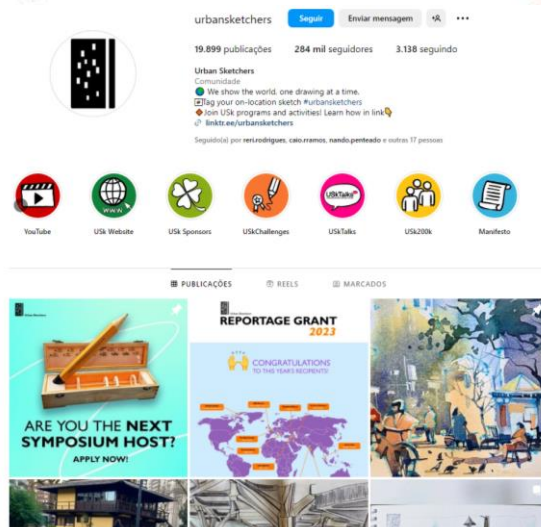


Imagem 2: *Print Screen* da página oficial do Instagram do *Urban Sketchers*.
Captura de tela disponível em: < <https://www.instagram.com/urbansketchers/>>. Acesso em:
22 de ago. de 2023.

Em 2011, através da iniciativa dos *sketchers* Eduardo Bajzek, João Pinheiro e Juliana Russo, o grupo ganhou uma versão nacional oficial na cidade de São Paulo. Desde então, nota-se o crescimento e a reunião de um número cada vez maior de entusiasmados desenhistas em diversas cidades brasileiras. De acordo com mapeamento do site oficial do *Urban Sketchers*, no Estado de São Paulo, há 8 grupos regionais registrados e oficializados nas cidades de: Araraquara, Campinas, Itu, Mogi das Cruzes, Ribeirão Preto, Santo André, São Carlos e São Paulo, apesar de que existem outros grupos regionais que não estão oficializados pela sede do USk, que fica em Seattle, nos Estados Unidos. A partir de uma rápida procura nas redes sociais, sabe-se que o movimento também está presente em Bauru e em São Bento do Sapucaí. A pesquisadora integra a comunidade de Campinas, fundada em 2018 por iniciativa de Fernanda Bonon, arquiteta e ilustradora formada pela PUC-Campinas (URBAN SKETCHERS, 2022).

Devido à pesquisa abordar o desenho de observação feito *in loco* como uma expressão artística, de acordo com Sandra Rey “[...] o lugar onde nos situamos em relação à pesquisa muda as relações que estabelecemos com o nosso objeto de estudo” (2022, p. 133). Na situação da pesquisadora, a relação com o desenho e com o grupo USk Campinas é de suma relevância para fundamentar a análise teórica da pesquisa. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela PUC-Campinas, utiliza o desenho como forma de expressão. Durante a graduação, teve contato com

disciplinas ligadas à linguagem, arte e cultura, ministrou um curso introdutório de desenho arquitetônico e teve a oportunidade de conhecer membros e participar de encontros do USk Campinas, os quais participa até os dias atuais, uma vez surge a noção de pertencimento e acolhimento da comunidade em questão [ver imagens de 3 a 8]. Por esse motivo, entender seu funcionamento compreende entender onde a pesquisadora se situa na pesquisa, compreender como sua subjetividade emerge em seus desenhos e de que maneira ela expressa uma espacialidade da cidade de Campinas.



Imagem 3: Desenho de observação feito pela pesquisadora na Praça do Coco, localizada em Barão Geraldo, na cidade de Campinas.
Fonte: Acervo pessoal. Foto tirada em jul. de 2023.



Imagem 4: Desenho de observação digitalizado, feito pela pesquisadora na Praça do Coco.
Fonte: Acervo pessoal. Desenho realizado em jul. de 2023.

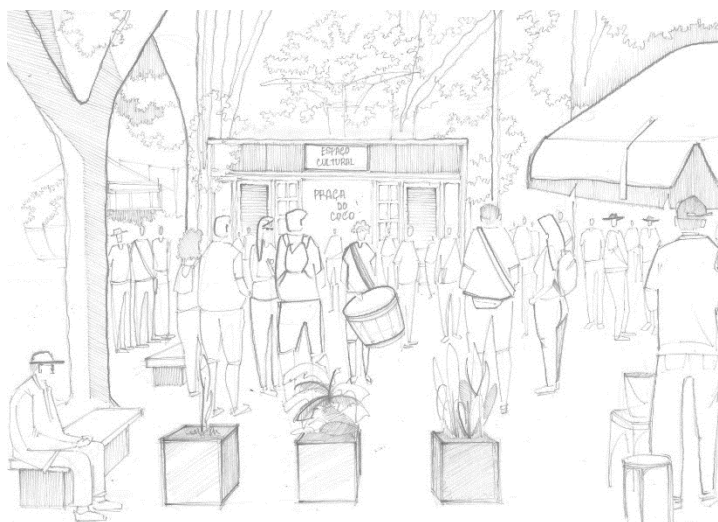


Imagem 5: Desenho de observação digitalizado, feito pela pesquisadora na Praça do Coco.
Fonte: Acervo pessoal. Desenho realizado em jul. de 2023.



Imagem 6: Desenho de observação digitalizado, feito pela pesquisadora na Praça do Coco.
Fonte: Acervo pessoal. Desenho realizado em jul. de 2023.

32º
Encontro
Nacional
da *anpap*.



Imagem 7: Integrantes do USk Campinas com seus respectivos desenhos realizados durante o 35º Encontro no Coletivo Mangureira, centro cultural localizado no bairro Jd. Sta. Genebra.
Fonte: Acervo USk Campinas. Foto tirada em 7 de mai. de 2023.



Imagem 8: Exposição dos desenhos realizados durante o 31º Encontro na Biblioteca Municipal de Campinas.
Fonte: Acervo pessoal. Foto tirada em 15 de jan. de 2023.

Levando em consideração a breve introdução do movimento, objeto de estudo, bem como a sua relação com a pesquisadora, fica explícito que a pesquisa é de cunho etnográfico, pois versa sobre a construção de significados que as pessoas integrantes do movimento USk Campinas atribuem à prática do desenho de observação feito *in loco*, revelando modos de ser e estar no mundo. Por conseguinte, torna-se necessária a imersão da pesquisadora frente à comunidade investigada no período da realização da pesquisa de mestrado (fevereiro de 2023 a dezembro de 2024).



A partir disso, a metodologia híbrida adota a triangulação de dados entre a pesquisa bibliográfica, a realização de entrevistas com os integrantes do USk Campinas e a pesquisa autoetnográfica, conforme mostra o diagrama abaixo:



Imagem 9: Diagrama metodológico da pesquisa.
Desenho digital elaborado pela autora com o auxílio da ferramenta *Krita*.

Compondo a triangulação metodológica conforme mostra o diagrama, a pesquisa bibliográfica é imprescindível para a construção da fundamentação teórica da pesquisa, conta com a seleção, síntese e fichamento dos títulos de leitura, a fim de que embasar o método de análise dos dados coletados e, assim, atingir os objetivos da pesquisa.

Como valiosos instrumentos de pesquisa, as entrevistas gerarão dados para a investigação, pois tem como função dar voz aos integrantes do USk Campinas para que possam expressar em palavras como é fazer parte da comunidade e como é a sua relação entre o desenho de observação feito *in loco* e a apreensão da paisagem urbana. As entrevistas, que serão gravadas e posteriormente transcritas, serão realizadas a partir de um questionário com perguntas semiestruturadas, com 12 participantes da comunidade, durante o segundo e o terceiro semestre do programa de mestrado (agosto de 2023 a junho de 2024). A abordagem para a realização das entrevistas ocorrerá durante os encontros do USk, realizados no primeiro domingo de cada mês em algum local público da cidade de Campinas – os locais são divulgados cerca de uma semana antes do encontro por meio das redes sociais do grupo – a fim de que as entrevistas aconteçam enquanto os participantes estiverem imbuídos na



atmosfera do desenho e do local. Sendo assim, o projeto de pesquisa, bem como os termos necessários e o questionário elaborado pela pesquisadora serão enviados para o Comitê de Ética da PUC-Campinas.

Prosseguindo com a geração de dados, a autoetnografia compreende a produção de um material teórico autorreflexivo, que se baseia nas experiências da pesquisadora enquanto desenhista e integrante da comunidade USk Campinas. A produção de significados através das experiências tem como intuito revelar um senso de mundo pessoal que contribui para a construção cultural e espacial da cidade de Campinas. Dessa maneira, a investigação pauta-se no conteúdo político da pesquisadora, de modo que “o pesquisador é um ator social altamente visível dentro do texto escrito. Os próprios sentimentos e experiências do pesquisador são incorporados à história e considerados como dados vitais para a compreensão do mundo social que está sendo observado” (VIEIRA, 2020, p. 454 apud SANTOS, 2017, p. 233).

A geração de dados para a pesquisa autoetnográfica se dará por meio da participação e observação empírica dos encontros do USk Campinas, no período de duração do programa de mestrado (fevereiro de 2023 a dezembro de 2024), em que os registros das experiências observadas e vivenciadas ficam redigidos no instrumento de pesquisa diário de campo. Além disso, a autoetnografia terá como análise os desenhos autorais da pesquisadora, que são de observação feito *in loco*, e os registros audiovisuais dos encontros da comunidade.





Imagem 10: Instrumento de coleta de dados: diário de campo, com base nas observações empíricas e experiências vivenciadas nos encontros do USk Campinas. Dados de pesquisa: desenhos autorais de observação feitos *in loco*.

Fonte: Acervo pessoal. Foto tirada em 27 de mai. de 2023.

Uma vez definida a abordagem metodológica, o método de análise é o fenomenológico, englobando os seguintes conceitos: linguagem visual aplicada ao desenho de observação (HALLAWAY, 2017; ARHEIM, 1980), fenomenologia do lugar (NORBERG-SCHULZ, 1980) e a criação de uma comunidade virtual em torno de uma prática local (CASTELLS, 2013; SANTOS, 2000), que, no caso, é o desenho de observação *in loco*, praticado pela comunidade USk Campinas. O método abordado e, conseqüentemente, o aprofundamento na compreensão de tais conceitos é essencial para a fundamentação teórica da pesquisa e análise dos dados coletados das entrevistas e da autoetnográfica.

De acordo com Hallaway (2017, p. 13), referente à linguagem visual aplicada ao desenho, é possível

criar uma imagem utilizando somente a intuição, a inteligência visual e a técnica, mas quase sempre o artista terá de recorrer a alguma referência visual. Quando se deseja transformar uma ideia em uma imagem, isso não é o suficiente. É preciso conhecer a linguagem por trás das imagens: saber o que as linhas, as formas e as cores expressam; como trabalhar volume, planos e espaços; como criar contrastes, atmosfera, tensão visual; como o olho do espectador caminha pela imagem e como estimular o olhar e direcioná-lo; saber como criar equilíbrio e harmonia visual; como utilizar a cor, criar cores e harmonias cromáticas; como trabalhar a expressão linear e texturas. Essa é a linguagem do desenho, e disso se trata a linguagem visual (HALLAWAY, 2017, p. 13).

Já o conceito de fenomenologia do lugar, explorado pelo teórico norueguês Christian Norberg-Schulz (1980), encontra-se relacionado com o campo da arquitetura, uma vez que versa sobre “[...] a capacidade de dar significado ao ambiente mediante a criação de lugares específicos. O teórico introduz a antiga noção romana do *genius loci*, isto é, a ideia do espírito de um determinado lugar” (NESBITT, 2008, p. 443). Sendo assim, o conceito da fenomenologia está intrinsecamente relacionado com o sujeito e sua apreensão da paisagem urbana, de maneira a criar significados e emergir subjetividades.

De forma complementar, é preciso estudar o impacto do valor 7, escrito no manifesto *Urban Sketchers*, na criação da comunidade virtual e de caráter global USk Campinas,



tomando como base os ensinamentos de Castells, pois as redes sociais digitais têm um caráter decisivo para a mobilização, organização, coordenação e expansão de movimentos sociais na era da contemporaneidade (CASTELLS, 2013, p. 199).

Por isso, associado ao alcance global das mídias digitais, a criação da comunidade virtual em questão se encontra diretamente relacionada à prática do desenho de observação feito *in loco* nos encontros presenciais da comunidade na cidade de Campinas. Sendo assim, nota-se a capacidade difusora das redes sociais digitais de um fenômeno territorializado, isto é, da reunião dos desenhistas que criam uma cultura territorializada do desenho gestual feito à mão e no local, cuja motivação não se impõe ao sistema massificado de produção de significados (SANTOS, 2000).

Conclusão

Por fim, recapitulando, a metodologia da pesquisa de cunho etnográfico possui caráter qualitativo, descritivo e interdisciplinar. A abordagem metodológica híbrida seguirá com a triangulação da dados entre a pesquisa bibliográfica, as entrevistas com os integrantes do USk Campinas e a pesquisa autoetnográfica, de modo que o método de análise será o fenomenológico. Sobre este método, é necessária a investigação dos temas: linguagem visual do desenho, fenomenologia do lugar e a criação da comunidade virtual e global USk Campinas a partir da prática territorializada do desenho de observação feito *in loco*, a fim de produzir uma reflexão teórica acerca da manifestação de subjetividades a partir da expressão artística de diferentes espacialidades da cidade de Campinas.

É possível perceber que a metodologia que se presente adotar para a realização da pesquisa está intrinsecamente relacionada com o processo de participação em meio à comunidade de desenhistas. O percurso metodológico para a pesquisa em artes visuais é um percurso híbrido, que busca compreender o modo de ser contemporâneo.

Referências

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual**: Uma psicologia da visão criadora. Editora Cengage, 1980.
- CAMPANARIO, Gabriel. **The Art of Urban Sketching**: Drawing On Location Around the World. Editora Quarry, 2012.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da Internet. Editora Zahar, 2013.



- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa - teorias e abordagens**. 2. ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre, Artmed, 2006.
- HALLAWELL, Philip Charles. **A mão livre: A linguagem visual**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2017.
- MONTANER, AUGÉ, La Humanidad planetaria. Série Diálogos. Barcelona: Editorial Gedisa, 2019.
- NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**. 2. ed. Editora Cosac & Naify, 2008.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture**. Academy Editions Ltd, 1980.
- REY, Sandra Terezinha. **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2022. p. 123 – 140.
- ROGOFF, Irit. **Terra Infirma: Geography's Visual Culture**. New York: Routledge, 2000.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, Editora Record, 2000.
- URBAN SKETCHERS. Seattle, Washington, D.C. Disponível em: <<http://www.urbansketchers.org/>>. Acesso em 30 de mai. de 2023.
- VIEIRA, P. D.B. **Autoetnografia: a construção da identidade de uma interventora social**. *Investigação qualitativa em ciências sociais: avanços e desafios*, vol. 4, 2020, p. 451 – 460.

Notas

ⁱ Mestranda em Linguagens, Mídia e Arte no Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte (PPG-LIMIAR) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Graduada em Arquitetura e Urbanismo na mesma instituição. Campus Av. Reitor Benedito José Barreto Fonseca, 355-371 - Parque dos Jacarandás, Campinas - SP. E-mail: luizasimionattobudahazi@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0266132175433155>.

ⁱⁱ Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (POSURB-ARQ PUC-Campinas) e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte (PPG-LIMIAR) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) onde integra as linhas de pesquisa Teoria, História e Crítica da Arquitetura e Urbanismo, Projeto, Inovação e Gestão em Arquitetura e Urbanismo e Linguagens, Poéticas e Tecnologias. É graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1982), mestre e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999), Pós-Doutorado na Kings College London (2016). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9849521880369062>.

ⁱⁱⁱ Gabriel Campanario é jornalista e ilustrador natural de Barcelona, na Espanha. Em 2006, mudou-se para a cidade de Seattle, nos Estados Unidos, e com a ajuda de um *sketchbook*, interessado em conhecer melhor sua nova casa, iniciou seus desenhos de observação feito *in loco*. A prática do desenho permitiu que Campanario estabelecesse uma forte relação com a comunidade local. (CAMPANARIO, 2012). Disponível em: <<http://www.urbansketchers.org/>>. Acesso em 30 de mai. de 2023.